

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado do Paraná*

Class.: \_\_\_\_\_

150

Data: *13 de Dezembro de 1988*

Pg.: \_\_\_\_\_

# Enterrem meu coração nas várzeas do Xingu

## OU

# Todo dia era dia de matar os índios

Paulo Ramos Derengoski

Quando o primeiro homem branco pôs os pés no Litoral brasileiro — há quase quinhentos anos — recebeu dos indiozinhos que se aproximaram sorrindo, curioso presente: um cocar de penas brancas. Meio envergonhado, ele retribuiu a oferta — e lhes deu um pesado sombreiro negro. Tinham início as dolorosas relações entre “selvagens” e “civilizados”. Começavam alegremente; terminariam mal. Pois dos cinco milhões de índios que naquela época viviam entre o Oiapoque à barra do Chuí — entre o Rio Javari e o Cabo de Santo Agostinho — hoje restam cerca de cem mil, na sua maioria desorientados, alquebrados, insanos, desdentados, entorpecidos, abobados.

Foi na Amazônia que se desenrolou a etapa mais dramática desta destruição. Ali, em pleno século das luzes, um bando de molambentos se atirou sobre os indígenas com o objetivo de se apossar de mão de obra barata para alimentar o monstro industrial da borracha.

A Nação *Waika* foi

a primeira a receber o impacto. Sobre os *Xirians* caíram os abutres do ramo mercantil: mascates, comerciantes de armas e de cachaça. Os *Guaharibos* tiveram destruídas as habitações que constituíam a base de sua vida comunal primitiva — e se desintegraram.

O massacre mais brutal foi nos vales do Juruá e do Purus, onde outrora se encontravam as maiores reservas de seringueiras do mundo. As nações *Pano* e *Aruak* foram rapidamente dizimadas. Índios altivos arrojavam a frente ao pó diante da imensa superioridade do branco, de sua inteligência diabólica. Entrava em cena um especialista em matar índios: o “bugreiro”, capanga de tocaias e traições: aborto tardio do bandeirante predador — deus do jagunçado.

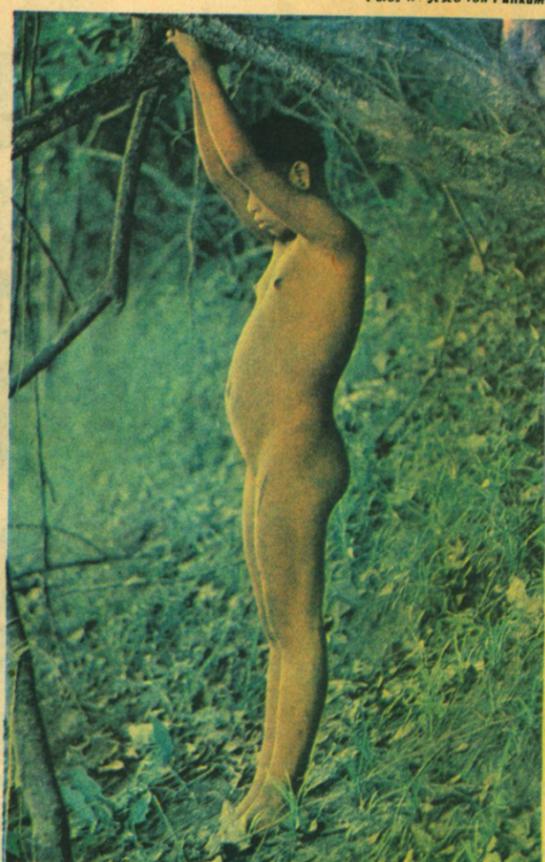
Nos extensos vales do Tapajós e do Madeira, os *Torá* e os *Mundukuru* tentaram se constituir numa barreira ao avanço do branco. Também o povo *Parintin* cobrou um alto preço (em sangue) pela borracha que um dia foi extraída da floresta para fabricar os pneus das limusines das

grã-finas da Côte d’Azur — ou dos carros de combate que iriam rolar nas areias do Ryff africano.

*Carijós*, *Xucurus*, *Potiguaras*: deles só resta a memória. Contra os *Timbiras* travou-se uma luta prolongada porque os índios se refugiavam na Serra Geral, de onde raramente saíam. Mas quando se tornava difícil destruí-los pela guerra, eram atraídos para a periferia de povoados sórdidos, onde as doenças e álcool se encarrégavam do resto.

Algumas Nações foram jogadas contra outras, como os *Krahós*, que se especializaram em escravizar seus irmãos, para vendê-los aos brancos em troca de cachaça e sal. Somente os mais ariscos e alçados conseguiram sobreviver, como os *Gaviões*, que até hoje se escondem pelas margens do Tocantins.

No coração do planalto central, a nação *Karajá* foi das mais judiadas: os poucos que restaram são atração turística na Ilha do Bananal, onde sacodem a bunda para fotografias coloridas. Os ingênuos



Fotos W. Jesco von Puttkamer

*Xerentes* — que chegaram a transformar D. Pedro II em seu “deus” — também desapareceram do mapa. No coração do país ainda restam alguns *Kayapós* e *Xavantes* que só sobreviveram por serem ferozes e arredios. E os *Bororós*, outrora notáveis por sua robustez física, entraram em decadência.

No vasto pantanal de Mato Grosso viviam os *Mbayá-Guaicurus*, os primeiros índios do continente a utilizar o cavalo como montaria. Aliados aos canoieiros *Poyaguás* eles dominavam vasto território. Na guerra do Paraguai chegaram a constituir batalhões que lutaram ao lado dos brasileiros para impedir a penetração guarani ao Norte do Rio Apa. Pois desses altivos cavaleiros restam hoje pouco mais do que dez indivíduos arrasados.

Tristes trópicos: *Kadivéus*, *Guanás*, *Otis*, *Terenas*, todos se acabaram. Alguns, tomados de impulsos místicos alucinatórios, se suicidaram — ou fugiram em direção ao Mar, numa ânsia louca de liberdade. Outros terminaram mendigando à beira das estradas asfaltadas do progresso, como os *Botucudos*, os *Maxacalis* e os *Pataxós*. No Sul, os descendentes dos *Caingangues* e dos *Xoklegs* se subdividiram em pequenas tribos, para fugir à penetração dos colonos. Erro fatal: “bugreiros” profissionais foram contratados para exterminá-los até à morte.

Dentre os poucos

índios que restam, espalhados pela vastidão do território brasileiro, muitos perderam até mesmo a noção da realidade. E ainda acham que suas Nações um dia voltarão em toda a glória e esplendor, renascendo das cinzas de *Kanê*: revivendo entre a vasta cabeleira de *Karô* que voam — altaneiros e invisíveis — além das nuvens do céu, de onde tudo observam através de seus olhos de carancho-de-penacho-branco. Lá, nas alturas, eles sentem desprezo por aqueles homens pálidos e enfermiços que um dia massacraram seus povos. E espera o momento de desabar sobre a Terra — com fúria — como nas assombrações do *Boitatá* e do *Quer-Que-É*.

Mas não tenhamos ilusões...

Apesar de todos os discursos (e artigos bonitos) estamos na antevéspera da descida do pano sobre a tragédia de nossas populações autóctones.

Os índios estão no fim.

Em breve, deles só restará a memória: foram apagados como os desenhos que o santo padre Anchieta — José do Brasil — um dia fez nas areias das praias de São Vicente: varridos pelas ondas sempre fortes e renovadas do ódio: afogados pelo profundo mar da ignorância.

E quando raiar o Milênio, quando alvorecer o ano 2.001 entre as neblinas das florestas brasileiras, os índios já não poderão contemplar o brilho das espadas e a beleza dos estandartes. Nem ouvir o tropel empoeirado e colorido da Morte...

